

“Somos de um país singular, em que todo pai, por mais que sacrifício lhe custe, não apenas se reproduz, mas se supera no filho; e neste mesmo Estado de São Paulo, o mais desenvolvido da União, mais da metade dos estudantes da Universidade, é sabido, tem um pai analfabeto.

Nesta sublime confiança na força da Educação, neste altruísmo espontâneo dos pais, vejo garantia bastante de um futuro nacional glorioso e persistente.

Uma só coisa me aflige. A inteligência, segundo Piaget, tem duas propriedades: compreender e inventar. Em nosso país, a inteligência está compreendendo, mas não está inventando; e excluída a hipótese infame e descabida de uma inferioridade congênita, isto só pode provir de estarmos ensinando nossos filhos a compreender, mas não a inventar.

Por qualquer defeito ou falha de nosso sistema, não estamos estimulando a imaginação criadora, que Einstein coloca acima da cultura numa famosa frase tão gratuitamente citada, sem compromisso ou engajamento: “a Imaginação é mais importante do que o Conhecimento”.

Não existe desenvolvimento autêntico sem invenção, e o desenvolvimento posição não faz uma Nação, mas um mercado.

A própria prosperidade material, se não persegue opções próprias, se não atende a aspirações espontâneas, mas a gostos induzidos, não é um elixir: é um solvente.

Numa ordem internacional cosmopolita e tão hábil em induzir novos costumes, comuns, novos hábitos de consumo, comuns, e até nova linguagem, comum, não necessariamente por perfídia, mas como decorrência de modos de produzir o comum, uma Nação só se mantém soberana, na verdadeira acepção da palavra, pela originalidade de seu Destino e pela validade da mensagem com que procura, ela mesma, orientar o progresso de uma Humanidade que se faz uma só.

Se não incutirmos em nossos filhos a independência de espírito que nasce de uma imaginação criadora, despatrizamos a Pátria, geramos apátridas prósperos e frustramos a aspiração de nossos pais.

O Poder nacional não é mais que a força de conceber um Destino singular e o domínio dos meios tecnológicos de realizá-lo. Estimular a imaginação criadora passou a ser o principal dever dos Estados.

E nada mais significativo e confortador, já no declinar de uma vida consagrada a essa crença, merecer de um grupo privado, feito de muitos brasileiros de adoção, o que é a glória deste Estado – o reconhecimento de um prêmio que, mais do que consolar a minha vaidade, vai dizer a nossos filhos que crescem e que aprendem, que a sociedade brasileira, pelo seu setor mais dinâmico, e mesmo mais cosmopolita, acolhe a criatividade da imaginação como um bem essencial e vê na aliança com a busca do saber vinculação mais preciosa que as mais rendosas vinculações econômicas.

O prêmio só pode provir de minha obstinação em fertilizar o Oceano, numa tentativa quixotesca e tresloucada que seduz o espírito dos Bandeirantes. Não quero recebê-lo a falsos pretextos.

Vejo neste novo Domínio do Mar pelo espírito um progresso tecnológico absolutamente desejável e necessário. Mas vejo-o, sobretudo, como uma maneira sutil de fertilizar a juventude de meu país para os problemas do Oceano, do Futuro e da Vida, e isto é o que importa. E vejo-o, sobretudo, como o ensaio de um novo modelo de Educação, como necessidade da Pesquisa: Pesquisa, não como um exercício acrobático do espírito, mas como uma necessidade para a execução de um Projeto, uma Intenção, um Desígnio.

Não existe outro caminho para introduzir no currículo a negligenciada cadeira da Imaginação. É aprendendo a Ciência como meio de superar um obstáculo à realização de um Projeto que aprendemos a prezá-la como o armamento mais essencial da Nação.

Não inventamos problemas para passar na prova: é a Vida mesma a nossa prova de cada dia, que não admite segunda época, dependência ou reprovação. E a única riqueza permanente, o único bem de que nenhum poder antagônico nos pode privar, o elemento supremo do Poder Nacional, é o Homem brasileiro inventando.

Possa este prêmio, que tão generosamente me é concedido e tanto me apazigua com a vida que escolhi, valer como a tomada da consciência, pelo setor mais dinâmico da sociedade, do mais importante de nossos Estados fronteiriços – pois que está na fronteira entre o Brasil e seu futuro, e a cada momento tem de escolher entre ser mais Brasil ou menos Brasil – de que o brado do Ipiranga não é mais que um apelo permanente à imaginação criadora, pois o próprio país não é mais nem menos que uma invenção brasileira.

É no momento mesmo em que um Mundo sufocado pelos fumos do progresso material, não produzidos pela Tecnologia, mas pela displicência de tecnólogos, viciados no menor esforço, em que um Mundo desiludido com os frutos da Ciência descamba para a negação e para o irracionalismo, que os jovens países com um futuro a decidir, afirmam, mesmo agressivamente, irreduzível confiança na redenção através de uma tecnologia limpa, redimida, humanizada, amiga do Homem e da Natureza, porque ensinada como instrumento da realização de um desenvolvimento nacional autêntico.

Vivemos a citar, com ufanismo, o primeiro galanteio que a jovem Terra de Vera Cruz recebeu do cronista do Rei Venturoso: “Esta Terra, Senhor, é chã e mui formosa, e em se querendo dar-se-á nela tudo, mercê das águas que tem”. Mas a frase não termina aí, e deve ser citada inteira: “Mas o importante mesmo” – continua o cronista – “é salvar esta Gente”.